



RELATO DE EXPERIÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA SENSIBILIDADE DO OLHAR E DO OUVIR DO DOCENTE DIANTE DA DIVERSIDADE DENTRO DA SALA DE AULA

Maria Erilânde Ferreira de SOUZA¹
Mônica Liliane dos SANTOS²

GT6 – DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO ESPECIAL

RESUMO

Nessa trabalho, propomos compartilhar um relato de uma experiência vivenciada por duas professoras que atuam na rede municipal e estadual de educação (em Inhumas- GO) em diferentes níveis de educação. Esse trabalho se propõe a discutir quais os desdobramentos da formação continuada das professoras podem ser percebidos em suas práticas docentes em sala de aula. Além disso, buscamos compreender de que forma as professoras em formação continuada buscam trabalhar diversidade e a inclusão dos alunos na escola em suas salas de aula. Para tanto, o referencial teórico se apoia em estudos que tratam de classe social, exclusão, inclusão e escola (bell hooks, 2013) e alteridade, multiculturalismo e educação (CANEN, 2001, 2007; FURTADO, 2012; REIS, 2016; SKLIAR, 2003). O material empírico gerado para a análise dos dados foram os seguintes: narrativa docente (TELLES, 2012; MORAES, 2014; ALENCAR, 2014) e relatos após as aulas de ambas as professoras. Os resultados parciais apontam dois aspectos: 1) revelam a percepção e sensibilização das professoras no olhar e ouvir os alunos diante de suas necessidades, e; 2) a importância da interação e aproximação professor e aluno no processo ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Práticas de ensino. Diversidade. Inclusão. Escola pública. Formação continuada de professoras.

¹Professora concursada da rede municipal de educação de Inhumas-GO. Licenciada em Pedagogia (Ueg – Câmpus Inhumas) e Pós-Graduada em Educação Inclusiva e Gestão Escolar (Fac Mais). E-mail: Maria.erilande@gmail.com

²Professora concursada da rede estadual de educação do estado de Goiás. Licenciada em Geografia (Ueg – Câmpus Cora Coralina) e Pós-Graduada em Educação Ambiental (IBPEX) E-mail: moniklili2010@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Atualmente as investigações centralizadas nas histórias de vida docente, seja nas narrativas oral ou escrita sobre as experiências profissional, tem sido tendência das pesquisas e vem conquistando espaço significativo na área da educação. Com isso, recorreremos a narrativa docente como procedimento para obtenção de informações, com o objetivo de compreender de que forma as professoras em formação continuada buscam trabalhar a diversidade e a inclusão dos alunos em suas respectivas salas de aula.

O interesse de refletir sobre essa temática, partiu inicialmente de conversas entre duas professoras que estavam cursando uma disciplina do mestrado e que começaram a refletir sobre suas práticas a partir das aulas que assistiam. As professoras começaram a se questionar com estavam percebendo seus alunos diante da diversidade existente em suas respectivas sala de aula. A partir dessas reflexões as professoras despertaram o interesse para saber quais os desdobramentos da formação continuada poderiam ser percebidos em suas práticas docentes em sala de aula.

Para dá suporte teórico nas reflexões, as professoras recorreram sobre as narrativa docente, em Moraes (2014) e Alencar (2014); sobre classe social, exclusão, inclusão e escola, em bell hooks (2013) e Mantoan (2011); sobre alteridade, multiculturalismo e educação, em Canen (2001, 2007), Furtado (2012), Reis (2016) e Skliar (2003, 2006); sobre formação de professores, em Ferreira (2006) e Pimenta (1999).

De acordo com Moraes (2014), devemos reconhecer que é interessante ouvir e registrar relatos de histórias de vida pessoal e profissional, tendo em vista que as experiências vivencias, podem ser analisadas como fenômeno complexo e transdisciplinar. Além disso, podemos vivenciar na prática a investigação e a formação, com a possibilidade de melhor compreender a dialética teoria e prática.

Dessa forma, nos propomos a compartilhar nossa experiência teórico-metodologia, utilizando a narrativa docente como procedimento para obtenção de informação na pesquisa para refletir a dialética teoria e prática. Recorrendo a nossa formação inicial e continuada, e nossas práticas vivenciadas diariamente como docente. Além disso, com a oportunidade de dizer e repensar sobre nosso fazer pedagógico, dizer sobre nós mesmos.

Para tal, o contexto dessa reflexão partiu das experiências de duas professora que atuam em níveis de educação diferente, e que atuam em duas escolas pública, da cidade de Inhumas-GO. Sendo uma turma da pré-escola de uma escola municipal de educação infantil



(pré-escola) onde a professora 1, atua como professora regente há mais de 10 anos. E dez turmas de uma escola estadual de ensino fundamental II, onde a professora 2 atua como professora regente de geografia.

Para coleta de dados e informações, utilizamos narrativas oral e escrita que possibilitaram a reflexão sobre as experiências vividas e aprofundamento com a realidade no contexto escolar, sempre com o intuito de compreender a necessidade de sensibilizar o nosso olhar e nosso ouvir no contexto escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciarmos as discussões partimos do entendimento sobre diversidade que as professoras tinham inicialmente, tendo em vista que essa temática foi o ponto de partida para os questionamentos e reflexões de ambas professoras. Segundo a professora 1, “diversidade está relacionada à todas as diferenças, as especificadas de cada ser humano”. Para a professora 2 “diversidade está direcionada para à educação especial”.

Essa reflexão inicial nos mostra o quanto o entendimento de ambas professoras era divergente e conflitante. Pois, a palavra diversidade era entendida de maneira ampla para a professora 1, pensando nas diferenças que nos constituem com seres únicos e restrita a educação especial para a professora 2.

Recorrendo ao conceito de diversidade, num sentido mais amplo, a partir de Skliar (2006, p. 31) que destaca,

em educação, não se trata de melhor caracterizar o que é diversidade e quem a compõe, mas de melhor compreender como as diferenças nos constituem como humanos, como somos feitos de diferenças. E não para acabar com elas, não para domestica-las, senão para mantê-las em seu mais inquietante e perturbador mistério.

Ou seja, a diversidade pode ser melhor compreendida a partir das nossas diferenças, sobre aquilo que nos constitui enquanto seres únicos. Contudo, no momento em que lutamos por direitos a acesso mais igualitário, nos deparamos ao mesmo tempo, com a necessidade de compreender as formas de aprender e vivenciar com tanta diversidade. Essa tal discutida diversidade, que ao mesmo tempo parece tão simples, se torna tão complexa a partir do momento que pensamos a sala de aula, pois, são muitas singularidades que se encontram em um mesmo espaço e que contraditoriamente pensamos que podem aprender da mesma maneira.

Definir diversidade e colocá-la em prática envolve um jeito de olhar e ouvir diferentes,



harmonioso e fora dos padrões exigidos pela sociedade, é o que afirma, Reis e Lopes (2016, p. 154,156).

Diversidade pode ser entendida como um processo de ruptura com o modelo de educação que segrega e exclui aqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos pela sociedade, ou seja, diversidade é tratada como valor, característica natural do ser humano, variedade e convivência de pessoas, de ideias diferentes, no mesmo espaço das salas de aula de ensino regular onde a heterogeneidade deve ser sobrepor a homogeneidade.

Assim, a diversidade pode ser pensada como um valor, pois, somos seres constitui de singularidades e que devem ser respeitadas em todos os espaços, principalmente no espaço escolar onde as diferenças se encontram e se confrontam.

Pensando então no espaço da sala de aula, será que nós docentes, estamos preparados para conviver e vivenciar experiências sem eliminar o outro que é diferente de mim? Será que sabemos como lidar com a diversidade dentro da nossa sala de aula?

De acordo com Furtado (2002, p. 02) “contemplar a diversidade e as diferenças presentes em sala de aula é o primeiro passo para dismantelar a concepção cartesiana do ser humano formada por séculos dentro do modelo tradicional de ensino.” Cada aluno(a) precisa ser enxergado como indivíduo, sem fragmentação. Ou seja, um ser complexo, completo e único.

Mas, para que essa ruptura aconteça é necessário que o professor valorize de verdade a presença de cada um e reconheça permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula. (bell hooks, 2013). Tendo em vista que o reconhecimento e o respeito ao outro são pontos cruciais, como ressalta Mantoan (2011, p. 65).

Pontos cruciais do ensinar a turma toda são o respeito à identidade sociocultural dos alunos e a valorização da capacidade de entendimento que cada um deles tem do mundo e de si mesmos. Nesse sentido, ensinar a turma toda reafirma a necessidade de se promover situações de aprendizagem que formem um tecido colorido do conhecimento, cujos fios expressam diferentes possibilidades de interpretação e de entendimento de um grupo de pessoas que atua cooperativamente.

O reconhecimento do outro no processo ensino aprendizagem é fundamental, pois essa interação possibilita a relação das nossas diferenças a todo momento. Para isso, se faz necessário entender o termo alteridade para compreender quem é esse outro. Segundo Furtado (2012, p. 01) “o termo alteridade possui o significado de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal, com consideração, valorização, identificação e dialogar com esse outro.”

Mas, segundo Skliar (2006), estamos na era de produção do outro, e esse outro vai ser



compreendido ou reprimido de acordo como concebemos ele.

Há, então, um outro que nos é próximo, que parece ser compreensível para nós, previsível, maleável etc. E há um outro que nos é distante, que parece ser incompreensível, imprevisível, maleável. Assim, entendido, o outro pode ser pensado sempre como exterioridade, como alguma coisa que não eu sou, que nós não somos. (SKLIAR, 2003, p.41)

Ou seja, há um outro que vai ser entendido e se torna próximo, e fácil de conviver. E um outro que é distante, pois não consigo entendê-lo e assim o afastou ou elimino por não saber como conviver com ele.

Essa aproximação e esse distanciamento acontece diariamente no contexto das nossas salas de aula. De acordo com a professora 1, ao relatar sobre a sua prática docente deixa esse entendimento do outro próximo e distante, quando ela relata:

Antes de ingressar na formação continuada via a diversidade direcionada somente para a educação especial. Em sala desenvolvia meu papel tentando adaptar as aulas e atividades para facilitar o ensinar a esses alunos. Nunca me toquei sobre o verdadeiro conceito de diversidade. Que todos somos diferentes e apresentamos limites e que cabe ao professor poder trabalhar e desenvolver sua aula garantindo a participação de todos. E que essa participação pode e deve ser de maneiras diversificadas. [Relatório da professora 2, realizado em ...]

A partir desse relato é possível perceber o confronto entre as práticas vivenciadas ao longo da carreira docente e as reflexões que surgiram a partir da formação continuada vivenciadas na disciplina do mestrado.

Os equívocos que as professoras cometem após a sua formação inicial, demonstram a fragilidade dos currículos da formação inicial que segundo Pimenta (1999) são desenvolvidos com um distanciamento da realidade das escolas e “numa perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar” (p. 16).

Essa é a nossa realidade atual. Contudo, é preciso ser repensada e modificada. Para alcançarmos a ruptura das práticas equivocadas e fragmentadas é necessário partirmos em primeiro lugar do respeito e considerações com os alunos, abordando sempre que existem diferenças entre as pessoas, mas o interessante e primordial é desenvolvermos um trabalho consciente e voltado para a aprendizagem de todos.

Uma das maneiras do docente aprimorar a visão diante das salas de aula é o ingresso



em formações continuada, articulação teoria-prática em cursos de formação docente (CANEN,2001). E a partir daí pode perceber como esse estudo pode facilitar a busca para trabalhar a diversidade e a inclusão dos alunos em suas respectivas salas de aula.

Sobre a mudança significativa que foi acontecendo na nossa prática docente percebemos nas nossas turmas, quando as crianças começaram a ser enxergadas a partir de suas diferenças, agora não mais como empecilho para o processo de aprendizagem, mas como ponto de partida para planejarmos as nossas aulas.

Mas, não é fácil. Tendo em vista que agora surgem outros desafios, diariamente, que nos faz transgredir sempre. Segundo bell hooks (2013, p.24) é necessário que “abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões.”

Transgredir no sentido de saber que existe um fronteira que pode ser experimentada e modificada sempre. Pois, o processo de construção e desconstrução é constante e dinâmico. Não podemos ficar inercie a esse movimento.

Ressaltamos ainda segundo bell hooks (2013, p.21) “que o prazer de ensinar é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio, ao desinteresse e a apatia onipresentes que tanto caracterizam o modo como professores e alunos se sentem diante do aprender e dos ensinar.”

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Após inúmeras conversas percebemos o quanto o processo de formação continuada estava nos trazendo novas possibilidades, poderia enriquecer nosso trabalho e aprimorar nossa forma de desenvolver o processo de aprendizagem nas salas de aula.

Entendemos ainda que o docente reflete a experiência vivenciada na formação continuada nas suas práticas docentes, no seu cotidiano escolar. Pois, sentimos na nossa prática os desdobramentos da nossa formação continuada. A partir da ampliação do entendimento sobre a diversidade no contexto escolar.

Com isso, nos foi possibilitado dois pontos cruciais nessa nova maneira de ver o outro. A primeira, que nos revela a mudança na percepção e sensibilização do olhar e ouvir os alunos diante de suas necessidades. E a segunda, sobre a importância da interação e aproximação professor e aluno no processo ensino e aprendizagem. Pois, afinal, estamos interagindo com indivíduos únicos.



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA:

CANEN, Ana. **Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural.** Educação & Sociedade. ano XXII, n.77, dez/2001, p. 207-227, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302001000400010&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 10 mar. 2018.

FERREIRA, Windyz B. **Inclusão x exclusão no Brasil: reflexões sobre a formação docente dez anos após Salamanca.** In: RODRIGUES, David. *Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva.* Summus Editorial, 2006. p. 211- 238.

FURTADO, Júlio. **Docência e alteridade. Congresso de Educação Básica: aprendizagem e currículo:** COEB, 2012.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 9-50; 223-251. Disponível em: <https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2017/10/hooks_2013_ensinando-a-transgredir_book.pdf> Acesso em: 10 mar. 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O desafio das diferenças nas escolas.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido (org.) **Saberes Pedagógicos e atividade docente.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

REIS, Marlene B. de F.; LOPES, Cristiane R. **Educação e Diversidade: uma relação de alteridade nas práticas escolares.** In: SUANNO, Marilza V. R.; FREITAS, Carla C. de. (Org.) *Razão Sensível e Complexidade na Formação de Professores: desafios transdisciplinares.* Anápolis: Editora UEG, 2016. p. 151-165.

SKLIAR, Carlos. **A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros".** Ponto de Vista, Florianópolis, n. 05, p. 37-49, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/download/1244/4251> Acesso em: 10 mar. 2018.

SKLIAR, Carlos. **A identidade que é nossa e a exclusão que é do outro.** In: RODRIGUES, David. *Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva.* Summus Editorial, 2006, p. 15-34.